

## **Buster Keaton – Nota sobre um caso clássico de incompreensão e aniquilamento**

João Sérgio Lauand<sup>1</sup>

Muitos pensadores buscaram analisar as diferenças de comportamento entre as pessoas, e o que motiva os choques, desavenças, preconceitos e intolerância.

Entre eles, David Keirse, baseia suas teorias na análise de quatro pares de características. A presença das alternativas desses pares em cada um de nós, seria a base de algumas das dificuldades de compreensão e convivência. Acabamos de publicar um livro (<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/JS LauKeirse.pdf>) abordando esses aspectos.

Um dos pares de escolha mais importantes nesse sentido é entre os de maior influência dos sentimentos (F) e os da lógica (T). Um exemplo clássico é a discussão entre os pais sobre como se comportar diante de uma falha do filho. Um quer castigar (T) e o outro compreender (F). Não há respostas gerais para essas questões e cada caso deve ser visto individualmente.

Outros pares visam os de temperamento realista (S) ou imaginativo (N), extrovertido (E) ou introvertido (I) e os que tendem à organização (J) ou às decisões em aberto (P). Os exemplos são muitos. Continuando entre os casais temos as pessoas práticas e objetivas (S) que se opõem às que vivem no mundo da lua, em não se sabe qual planeta (N). E estas acusam aquelas de falta de metas, sonhos, ânimo. No par seguinte, um dos dois (E) gosta de festas, de encontrar pessoas, falar e interagir. O outro (I) quer seu sofá, sua paz e tranquilidade. No terceiro grupo um se irrita profundamente com as mudanças de planos (J), enquanto o outro (P) fica maluco com a rotina. Se pedirem algo ao primeiro para a próxima semana, ele anotar e estará lá. O segundo não anota nada e fica feliz quando as circunstâncias mudam.

Uma situação muito frequente e muito triste, ligada a esse tema é a do aniquilamento de uma pessoa, ou de sua capacidade criativa, de seu talento, pelo contato com um sistema estabelecido e imutável, que acaba sendo, voluntariamente ou não, repressor. Estou muito à vontade para falar disso, pois por temperamento sou um SJ, apreciador de regras claras, previstas, estabelecidas. Contudo, como analisamos em um artigo, recolhido no livro acima citado, os temperamentos são disposições, e o que conta em última análise são decisões tomadas diante de situações concretas. O temperamento não decide, somente predispõe. As características (J) ligadas à organização e tradição e (T) com pouca influência dos sentimentos e mais voltadas às regras e aspectos práticos, podem induzir, sem, contudo, obrigar como se disse, a essas situações.

Todos conhecemos pessoas que foram destruídas por estarem em um sistema que não as compreendia: o aluno com pendoros artísticos em uma escola muito rígida; o pai que não permite que o filho faça o curso que deseja, por querer que siga seus passos; o funcionário cujas ideias não se encaixam no padrão da empresa; as mulheres ao longo da história (e ainda hoje) que foram proibidas de dar vazão a suas

---

<sup>1</sup>. Doutor em Psicologia e Educação pela Feusp.

habilidades, com a desculpa de que essas possibilidades não eram condizentes com sua condição feminina. Nunca me esqueço de um homem “sábio” e “culto” perguntando: “digam o nome de uma grande pintora, de uma grande compositora?” e pensei em como poderiam ser grandes sem poder aprender ou sair de casa?

Aplicando-se esse tema ao ambiente das instituições religiosas há uma história muito significativa. Diz-se que um demônio jovem recebeu notícias da Terra e ficou muito assustado com o aparecimento de um pregador que falava com entusiasmo, fazia milagres, arrebatava multidões com sua caridade. Algo totalmente novo e diferente. Foi rapidamente acordar seu tio, mais velho e experiente, para perguntar-lhe que providências tomar. Seu tio, calejado pela experiência dos anos o tranquilizou: “não se preocupe meu rapaz, esse homem parece mesmo capaz de nos causar algum mal. Mas logo estará dentro de uma instituição e tudo se acalmará!”. É o clássico embate, presente em todas as circunstâncias humanas, entre o talento e a criatividade por um lado, e a necessidade de padrões e rotinas por outro.

Este texto surgiu ao assistir estes dias a um documentário da televisão francesa, de 2015, sobre Buster Keaton, dirigido por Jean Baptiste Périé. O documentário se intitula “Buster Keaton, un génie brisé par Hollywood”, um título forte. A versão inglesa seguiu a original e usou o termo “destroyed”. A brasileira, por algum motivo, atenuou e ficou “Buster Keaton, um gênio desajustado em Hollywood”, sem indicar nenhuma responsabilidade. A análise que vamos fazer a seguir está baseada nesse documentário. É possível que algum detalhe merecesse maior aprofundamento, mas a opinião expressa no filme nos parece bem plausível.

Em sua época, no início do século XX, Joseph Frank “Buster” Keaton era de um talento extraordinário e rivalizava com Charles Chaplin e Harold Lloyd, como os grandes comediantes do cinema mudo. Entre 1920 e 1928 realizou 19 curta metragens e 10 filmes todos com grande sucesso. As cenas apresentadas no documentário são muito engraçadas e é impossível vê-las sem rir.

Seus pais eram do teatro de variedades e ele começou a se apresentar com 4 anos de idade. Logo era o mais famoso e apreciado do grupo. Nesse ambiente aprendeu a cair sem se machucar, tornando-se ginasta, equilibrista, trapezista, acrobata. Era incrível o que conseguia realizar. Nunca usou um dublê.

Fazia diversas cenas arriscadas como estar no local em que a frente de uma casa que desaba e não se machucar por estar na janela. Um erro seria fatal. Em um dos filmes, pula de um telhado a outro em prédios de quatro andares. Errou o salto e caiu, mas mesmo assim a cena pode ser aproveitada.

Parte de sua graça estava em não sorrir nunca. Sendo um verdadeiro atleta e muito hábil, não se exibia e geralmente fazia tipos desajustados e desastrados, frágil diante de mais fortes. Outra característica, surpreendente para quem não teve estudos regulares, era sua habilidade para soluções engenhosas, sendo um cientista nato. No filme “O Espantalho” há uma cena divertida de uma casa extremamente prática.

Tinha sua própria equipe de trabalho e seu estúdio. Era um grupo pequeno com o qual discutia detalhes do roteiro. Perfeccionista repetia as cenas até ficarem do seu agrado. Estudou a mecânica da máquina de projeção para tirar dela o maior proveito. E não poupava recursos para obter a cena desejada. No filme “A General” de 1926 há uma cena famosa de um trem que derruba uma ponte e cai sobre um rio. Foi gasta uma quantia absurda para obter esses segundos de filme. Tinha um acordo com seu concunhado Joe Schenck, seu produtor, que lhe garantia liberdade total de criação.

Assim chegou ao auge em 1928, com 32 anos, rico, famoso, adorado pelo seu público. Estava casado com uma atriz, Natalia Talmadge, tinha 2 filhos e uma mansão em Beverly Hills. Foi quando cometeu o maior erro da sua vida.

Seu concunhado, Joe Schenck, sugeriu-lhe incorporar-se à MGM, Metro Goldwin Mayer, fundada poucos anos antes. Keaton não gostou da ideia de perder sua autonomia. Perguntou a seu amigo Chaplin o que achava: “Vão devorá-lo querendo ajudá-lo. Perverterão seu julgamento e você se esfalfará se defendendo, sabendo que tem razão. Não que tenham recursos ruins, têm os melhores do país, mas são muitos, e todos vão dar palpites em seus filmes, como se houvesse vários chefs na mesma cozinha”. Por insistência de Schenck, Keaton acabou cedendo.

Recebia um bom salário, mas perdera sua liberdade de criação, independência artística e autonomia. Prometeram-lhe o paraíso e se viu nos infernos. A MGM era gigante e tinha seus métodos de produzir filmes em série. De acordo com seus padrões, produzia astros e estrelas e podia transformar um desconhecido em celebridade em pouco tempo. Para isso, não tinha escrúpulos: mudava nomes de artistas (para citar alguns John Wayne e Rita Hayworth eram na verdade Marion Michael Morrison e Margarita Carmen Cansino), a cor e corte de seus cabelos, e controlava suas vidas. Tudo comandado com mão de ferro por Louis B. Mayer. Os que tinham fama de homossexuais se casavam e as crianças promissoras eram seguidas de perto. A receita de um bom filme estava estabelecida, começava pela estrela, depois o produtor, o roteiro e o diretor. Tudo muito diferente do grupo a que Keaton estava acostumado: agora ele era um entre tantos.

Havia regras claras para tudo, como em um bom sistema STJ. O roteiro deveria passar por várias mãos, podendo chegar até 36 pessoas! Diante da série de exigências de filmagem, Keaton reage: “nenhum filme se tornou obra-prima pela fotografia ou movimentos de câmera!”. Acostumado aos improvisos maravilhosos, ele começa a duvidar de seu talento e tem que servir-se de dublês, por exigência das companhias de seguros.

Apesar de tudo ainda são feitos três filmes de grande sucesso, mas Keaton está cansado. Já estamos na era do cinema falado e tentam atribuir a essa mudança a sua queda de desempenho. As cenas de seus filmes mostram que isso não é verdade. Ele tinha grande habilidade também para os diálogos. O que destruiu Buster Keaton não foi ter de falar, mas sim ter de se submeter a um sistema asfixiante para ele.

Começa a derrocada. Ele começa a beber e a faltar às filmagens. Uma coisa puxa a outra, ele é despedido e logo nenhum estúdio o quer mais. Keaton perde o talento, o emprego, a família, sua esposa pede o divórcio e muda o sobrenome de seus filhos, a casa.

Sobrevive de pequenos trabalhos até encontrar alguns anos mais tarde um novo amor e alguém que o compreende em Eleanor Norris, uma atriz. Sua vida melhora, mas ele nunca mais será o mesmo. Em 1960 ele recebe um Oscar honorário pelo conjunto de sua obra. Hollywood tenta recuperar um pouco do grande estrago causado. Mas o melhor reconhecimento é o conjunto de seus filmes, verdadeiras obras primas.

Ele falece alguns anos depois, em 1966. Em seu caixão, uma última piada: ele leva em uma mão um terço, para estar apto ao Paraíso, e na outra uma carta de baralho, para desfrutar do inferno, se for o caso.

Quisemos reproduzir aqui o caso desse ator porque com certeza ele não é único, nem entre os artistas nem na vida em geral. David Kearsy intitulou seus livros “Please Understand Me”. A falta dessa compreensão é muito perigosa. Querer que todos dançam ao ritmo da nossa música não faz sentido. Felizmente há muitas melodias e muitos ritmos, e todos devem ser respeitados.